

A situação no rio Doce

Já ficou bastante clara a situação em que se encontram os proprietários de terras do vale do rio Doce, ameaçados de invasão. Cumpre ao governo tomar agora as providências necessárias, a fim de evitar que a pilhagem se inicie em Minas Gerais, província tradicionalmente amiga da paz e da ordem. Não se trata aqui de temores infundados. O problema se torna realmente grave. Líderes extremistas se infiltram nas camadas rurais, procurando criar condições para a subversão da ordem. E ninguém ignora que o país poderá, a qualquer momento, cair na anarquia, se persistirem os desencontros atuais, a começar pela própria posição do governo que se coloca, no plano federal, em divergência com os verdadeiros anseios da grande maioria da população. Mesmo os que são favoráveis às reformas de base combatem a subversão que não interessa a ninguém, muito menos ao próprio governo.

O que está havendo no rio Doce é uma provocação. Querem alguns aventureiros e até facínoras conhecidos na região, apoderar-se à força de terrenos que não lhes pertencem e nem se acham localizados na faixa atingida pela malfadada operação da SUPRA. São terrenos adquiridos pelos seus legítimos proprietários, os quais têm a seu favor a Constituição da República. Urge assegurar o cumprimento dos dispositivos constitucionais que garantem o direito de propriedade.

O sr. Magalhães Pinto se mostra vivamente preocupado com o problema. No que toca à órbita estadual, o dirigente de Minas saberá agir. Acontece, porém, que elementos que se dizem credenciados pela SUPRA passaram a ameaçar pacatos fazendeiros. Devem ser aventureiros que nunca pertenceram aos quadros daquela instituição. Mas se servem dela para amedrontar os possuidores de terra. Corre isto por conta da afoiteza com que o sr. Pinheiro Neto deseja pôr mãos à obra. As desapropriações não podem ser feitas indiscriminadamente, mesmo porque as áreas trabalhadas ficam de fora da medida drástica. Somente os latifúndios improdutivos nas margens de ferrovias e rodovias irão ser atingidos pela desapropriação a cargo da SUPRA. Entendido assim, como se explica a situação de pânico que se arma na bacia do rio Doce?

A própria SUPRA deveria encarregar-se de esclarecer os grupos amotinados, a fim de que se evite um mal maior. A invasão de terras, se começar seja lá onde fôr, criará problemas quase insuperáveis para o governo. Será muito difícil restabelecer a ordem no campo, devido à falta de comunicações rápidas e eficientes. Sabido que o país poderá cair na anarquia, é fácil compreender a que ponto vai a responsabilidade do governo no caso particular dos amotinados do rio Doce.

UM QUADRO DE

é ali estabeleceram um autêntico

prêças parti-
tantes na a-
econômico,
qualquer efi-
to político.
economico”
efeitos têm
do que obse-
ca Vitoriana
sentemente
de barata
manancial d
do, de inter-
mico só eno-
do a atiti-
chocantemen
mesmo, há
impedimento
plos de fat-
dando a de-
ciário.

Dizer, pois
limitações er-
nar por fôr-
capitalistas é
a presença d
Um filósofo
to, ao comen-
gusto Comte
seguinte: “Ve-
que a meta-
Augusto Com-
que foi por
criou um fa-
seguida o pr-

Não estará
um fantasma
ros de sua ad-

BOMBA BASE A DE LA

LA PAZ, 3 (A
desta cidade f-
tado a dinamite
leva pelos are-
ções e aparelh-
vam estacionad-
tas.

Uma das bon-
ao hangar de n-
tra foi encontra-
dir e que, caso
teria arrasado